

56.
O CRISTÃO NO LAR



1. INTRODUÇÃO

Na intimidade do templo doméstico desenvolvem-se as provas e as oportunidades de reencontro entre Espíritos em reajustes. No convívio do lar, manifestamos mais nitidamente aqueles sentimentos de intolerância, de impaciência, de revolta, precisamente na intensidade em que os mesmos ainda permanecem no nosso íntimo, em processo de transformação.

Do que foi até agora estudado, cabe-nos dirigir a atenção para o ambiente do convívio familiar, aonde se intensifica o nosso esforço de auto-educar-nos nos mesmos propósitos cristãos que já nos dispusemos seguir anteriormente.

Analisemos juntos a importância dos itens abaixo e pessoalmente focalizemos a nossa posição e o nosso comportamento diante dessas diretrizes.

2. VIDA CONJUGAL

“Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o seu marido” — Paulo (Efésios, 5:33).

Acentuam-se nos nossos dias os desajustes conjugais atribuídos principalmente à incompatibilidade dos temperamentos, aos desencantos da vida íntima ou às aflições domésticas. Refletem todos a intolerância e a irresponsabilidade, tão comuns na criatura humana.

As desarmonias e os desencontros surgem do convívio, onde, sob os impulsos espontâneos dos nossos sentimentos íntimos, mostramo-nos como realmente ainda somos. Ocorrem as decepções, resultantes da nossa própria imaturidade, e se não estivermos munidos dos propósitos mais sólidos, alicerçados nos ideais cristãos, colocamos realmente em perigo a estabilidade do lar.

O cristão não pode ignorar os laços profundos dos compromissos escolhidos na Espiritualidade, que se renovam na experiência terrena, para a instituição dos divinos fundamentos da amizade real. Abandonar a tarefa no lar é contrair pesadas dívidas que nos serão cobradas com os acrescidos juros que a nossa irresponsabilidade terá que saldar em existências próximas.

Suportemos o quanto pudermos a esposa exigente e incompreensiva, o marido árido e indiferente, os filhos irreverentes e agressivos e testemunhem no seio familiar os ensinamentos do Cristo que já começam a nos tocar as fibras mais sutis do coração.

3. PAIS

“E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor” — Paulo (Efésios, 6:4).

Sempre que o homem e a mulher, na vida conjugal, compreendem o caráter divino e a oportunidade que a paternidade e a maternidade oferecem aos Espíritos na escalada evolutiva, uma atmosfera de dedicação e sacrifício reflete-se no lar.

Lamentável observar as limitações comodistas de alguns pares, que cerceiam as chances de Espíritos, muitas vezes afins, desejosos de retomarem as experiências no plano físico, evitando a gravidez.

Os filhos são as obras preciosas que o senhor confia aos casais, esperando-lhes a cooperação amorosa e eficiente no trabalho desprendido de preparação daquelas criaturinhas que, conduzidas pelas suas mãos, poderão levar aos homens de amanhã os exemplos do amor e respeito ao Mestre Jesus, transmitidos pelos seus pais.

A criação prevê admoestação, porém qual seria a admoestação do

Senhor? Equilíbrio e justiça com amor, nem excessos de ternura e condescendências, nem demasia de exigências.

A disciplina e o comportamento à luz do Evangelho vão alicerçando os Espíritos ainda infantis. Robustecendo-os nas provas que a vida no nosso planeta lhes proporcionará.

4. FILHOS

“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais, no Senhor, porque isto é justo” — Paulo (Efésios, 6:1).

Os Espíritos, ainda na idade adolescente, quando nas suas necessidades de reafirmações, muitas vezes desdenham as experiências daqueles que os embalaram, ao darem os primeiros passos nos caminhos das iniciativas próprias; retomam, muitas vezes tardiamente, os rumos na atual existência, quando o sofrimento ou a maturidade dos anos lhes restauram a compreensão.

Os filhos, hoje tão libertos e impulsivos, são grandemente atraídos para os prazeres da idade, no incontido desejo de viver a felicidade que sempre é procurada fora de nós mesmos. Iludidos, desobedecem aos apelos dos pais, contrariando-os pelos caprichos venenosos que, na maior das vezes, os leva à imprudência e à insensatez.

É indispensável prestar obediência aos progenitores, dentro do espírito de Cristo, porque semelhante atitude é justa. E o jovem, amadurecido no amor e no respeito, compreende o zelo e as advertências dos mais experientes, já vividos em situações semelhantes, com acumulados resultados à disposição deles, que apenas se iniciam na caminhada.

Ouvir e ponderar, num diálogo de companheiros, sem barreiras ou distâncias, sem prevenções nem imposição, é o clima desejável em todas as situações.



5. FAMILIARES

“Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” — Jesus (Marcos, 3:35).

A instituição da família no nosso mundo, sem dúvida tem obediência aos planos sábios emanados da Espiritualidade. Nos pequenos agrupamentos particulares, células da sociedade, jungidas as criaturas pelos deveres consanguíneos, estabelecem-se progressivamente os laços espirituais eternos.

É a construção dos Planos Divinos, segundo as leis de amor, que identificam aqueles parentes anunciados pelo nosso Mestre.

O parentesco estende-se dos pais e filhos para os avós, tios, primos e

sobrinhos, nos seus graus de ligação, ampliando-se o relacionamento familiar. Igualmente dilatamos os nossos laços afetivos, dedicando a todos a nossa atenção, emprestando o nosso cuidado, colaborando nas necessidades mais imediatas do sustento material daqueles que a sorte não favoreceu.

Nos transeis difíceis da vida, em que as comoções profundas envolvem os lares mais próximos pelos laços familiares, o nosso apoio e a nossa compreensão, exaltando a oportunidade das provas no nosso aprendizado cristão e o despertar da nossa sensibilidade e interesse pelos menos afortunados, cujas misérias são observadas por nossos olhos, revelam quão agracia-

dos ainda somos pela misericórdia Divina.

O perdão, a tolerância, a paciência, o refreamento dos costumes falatórios, no ambiente familiar e no convívio com os parentes, devem ser mais intensamente vividos, amortecendo as nossas paixões desenfreadas e equilibrando os nossos impulsos violentos.

6. DIVÓRCIO E LAR

“Não separeis o que Deus juntou” — Jesus.

Tema muito discutido em nossos dias e conduzido ao sabor dos interesses e inclinações pessoais de cada um. Vejamos, no entanto, a colocação que nos cabe situar dentro da conduta compatível com os ensinamentos do Divino Pastor.

É a lei do amor que realmente une as criaturas em quaisquer relações. E o amor, no matrimônio, se reveste não exclusivamente da atração física que tanto fala aos sentidos. Duas criaturas que se unem no casamento, são assim principalmente chamadas ao amparo mútuo, afetivo e material.

Dois corações que se entreguem um ao outro, desde que se fundem nas mesmas promessas e realizações recíprocas, passam a responder, de maneira profunda, aos imperativos de causa e efeito, dos quais não podem efetivamente escapar.

Individualmente, já não nos pertencemos completamente, e a necessária reflexão interior certamente nos despertará para a renúncia, do que nos cabe, de interesses particulares, despertando a capacidade pessoal de doar-se, de desprender-se, de sacrificar-se mesmo, em benefício da harmonia e do equilíbrio emocional no convívio caseiro.

O cristão, já consciente, não pode fugir aos compromissos assumidos nos Planos Espirituais, dentro da tarefa que o lar, em primazia, nos convida a desempenhar.

Diz-nos Emmanuel: “Indubitavelmente o divórcio é compreensível e humano, sempre que o casal se encontre à beira da loucura ou da delinquência”.

No entanto, nos completa ele: “... é razoável se peça aos cônjuges o máximo esforço para que não venham a interromper os compromissos a que se confiaram no tempo.”

7. O LAR E O TRABALHO DOUTRINÁRIO

Muito de nós, atendendo aos impulsos idealistas do trabalho doutrinário nos diversos campos de serviço ao próximo, envolvidos no entusiasmo que os nossos corações, à semelhança do viajor que, perdido no deserto árido da ociosidade, encontra no oásis o líquido balsamizante para saciar a sede, à sombra da proteção e do aconchego dos Amigos Espirituais, somos assim inclinados a dedicar a maior parte de nosso tempo disponível, ao trabalho desinteressado que tanto nos edifica.

Absorvemo-nos, às vezes, nas nossas ocupações idealistas, afastando-nos momentaneamente dos compromissos primeiros com aqueles mais próximos, no convívio familiar, alegando para nós mesmos, as justificativas de ordem superior, pautadas no exemplo dos pioneiros da Cristandade.

Todo trabalho idealista, realizado com o coração desinteressado, é antes de tudo a sustentação sutil para o trabalho mais profundo de transformação interior, na nossa realidade presente, à qual estamos condicionados pela lei de causa e efeito. A evolução é sempre lenta e progressiva, realizada com muito trabalho e paciência. E se atendemos aos nossos melhores impulsos de servir ao Divino Mestre, a serenidade e o equilíbrio nos evidenciam que esse mesmo serviço inicia-se com aque-

les que a própria Providência Divina nos uniu sob um mesmo teto.

Quando buscamos acariciar aqueles pequeninos necessitados na nossa atividade social, observemos primeiramente se aqueles que em casa deixamos chorando, já foram supridos com as nossas atenções orientadoras cristãs.

Quando nos deslocamos, para levar a nossa palavra às assembleias reunidas para receber os chamados evangélicos, meditemos se já transmitimos aos poucos que nos circundam no lar, o carinho e os ensinamentos do Sublime Peregrino.

Quando nos empenhamos em oferecer as nossas energias nos trabalhos de assistência espiritual, revitalizando pelos passes os que carecem do equilíbrio físico e espiritual, analisemos se já distribuímos a confiança e o ânimo aos abrigados no mesmo ninho que, nas depressões, abrem as portas às enfermidades.

Para alçar os vãos mais altos, é necessário que construamos, com o nosso trabalho, as asas elevadoras, igualmente fortificadas na dedicação ao próximo, de dentro e de fora do nosso meio doméstico. Pois, na ordem de nossas obrigações, ambos não podem ser esquecidos.

8. O CULTO DO EVANGELHO NO LAR

Onde quer que o Cristianismo lance raízes de aperfeiçoamento e

sublimação, o culto do Evangelho no Lar é uma necessidade.

No círculo dos nossos familiares, com os quais nos compete desempenhar com o Senhor os compromissos de renovação e entendimento, o conhecimento das palavras e dos exemplos do Meigo Rabi, sob forma singela e fraterna, ao alcance de todas as idades, despertam as disposições mais nobres nos corações que evoluem no mesmo caminho.

Os benefícios dos sentimentos de bondade, compreensão, fraternidade, fé e bom ânimo, emitidos em conjunto, transpõem os limites das paredes em ondas de paz e entendimento.

O aconchego com os Amigos Espirituais, nesses momentos, envolvem e fortificam o nosso Espírito na caminhada com Jesus. E somente depois da experiência evangélica do lar, o coração está realmente habilitado para distribuir o pão divino da Boa-Nova junto da multidão, embora devamos o esclarecimento amigo e o conselho santificante aos companheiros da romagem humana, em todas as circunstâncias.

A reunião semanal, em torno do Mestre Redentor, é trabalho de profundidade na preparação dos corações, que devem ser encaminhados na senda do amor cristão. Quem cultiva o Evangelho no Lar, faz da própria casa um templo de Jesus.

57. O CRISTÃO NO MEIO RELIGIOSO E NO MEIO PROFANO

1. O CRISTÃO NO MEIO RELIGIOSO

1.1 Introdução

Diz-nos Emmanuel que: "Todo trabalho idealista, realizado com o

coração desinteressado, é antes de tudo a sustentação sutil para o trabalho mais profundo de transformação interior, na nossa realidade presente..."



Evidenciam essas palavras que o objetivo primordial é a "transformação interior" e compreendemos que a "reforma íntima", com o decorrer do tempo, passa a ser exteriorizada sob

as várias formas de doação de nós mesmos.

Quando despertamos para os “chamados superiores”, nos engajamos numa atividade idealista, dando a nossa parcela de trabalho, em geral ligados a um grupo espírita com o qual nos afinizamos. E para lá carregamos toda a nossa herança de costumes e tendências que adquirimos no passado, incrustações naturais do nosso Espírito em evolução.

Vejamos, portanto, no nosso meio religioso, qual o comportamento que devemos procurar viver, compatível com o do cristão autêntico.

1.2 Organizações Religiosas

“Porque onde estiverem reunidos dois ou mais em meu nome, aí eu estarei no meio deles” — Jesus.

Para nos situarmos diante da condição relativa e mutável das organizações religiosas através da história, entendemos claramente que o nosso Mestre Jesus não instituiu, por assim dizer, uma nova organização religiosa que iria competir com o Judaísmo reinante em Israel. Ele mesmo disse: “...não vim destruir a lei mas a ela dar cumprimento”.

Com o passar dos anos, o avanço do Cristianismo, inicialmente transmitido aos homens, granjeou os cumes no Império Romano, sendo, a partir daí, institucionalizado pelos seus seguidores na forma da igreja Católica Apostólica Romana.

Conhecemos as lutas religiosas e as reformas sofridas em nome do Cristo no transcorrer das épocas históricas.

Surge, no século passado, o Espiritismo que, assumindo o caráter de Terceira Revelação, como o Consolador prometido, virá restaurar o Cristianismo na sua pureza primitiva.

Diante dessa posição, entendamos a Doutrina dos Espíritos nas suas características universalistas, não apenas como uma instituição a mais e sim como um movimento cíclico renovador, da mais extensa amplitude, em todas as direções.

Essa colocação aberta e ampla do Espiritismo nos leva a estabelecer, para nós mesmos, um comportamento distinto daquele que estamos habituados a ver: nos desprendermos da exagerada preocupação com a casa espírita, como organização de pedra e cal, com seus bens e patrimônios, para

cuidarmos dos trabalhos que elevam e transformam as criaturas, sem as barreiras mesquinhas dos condicionamentos que o nosso zelo limitador possa criar.

Sabemos que o Espiritismo, como instituição, naturalmente tende a desaparecer, ou, ao contrário, não será a Terceira Revelação.

Compreendendo a nossa posição diante desse aspecto universalista da religião que abraçamos, para sermos verdadeiramente cristãos na sua mais genuína acepção, é mister que, de início, nos desapeguemos interiormente da parte transitória, mutável, para vivermos intensamente a essência dos ensinamentos de Jesus, no nosso convívio religioso, sob o mesmo teto da casa espírita que frequentamos.

Em verdade, a vivência com o Cristo independe do local que venhamos frequentar nos trabalhos doutrinários que realizamos. Organizamo-nos em grupos afins, compartilhando dos mesmos desejos de dedicação ao próximo, estreitando os nossos laços de fraternidade, num convívio familiar de maior extensão, porém, o objetivo central ainda é o de nos transformarmos de dentro para fora.

As organizações religiosas espíritas são necessárias como uma decorrência jurídica, legal, social, coerente e obediente às leis dos homens, porém vale ainda aqui lembrar as palavras do Mestre Nazareno: “...daí a César o que é de César; daí a Deus o que é de Deus”.

O trabalho idealista cristão no serviço ao próximo é sustentação e apoio sutil aos propósitos evangélicos individuais de melhorar-se.

1.3 No Centro Espírita

Depois do lar, o convívio com os companheiros de ideal cristão, no centro espírita que frequentamos, é renovada oportunidade de servir a Jesus.

A Casa do Caminho, instalação de tarefa apostólica, acolhendo indistintamente os doentes e desabrigados, reunindo no trabalho cristão os discípulos das primeiras horas, simboliza a atmosfera do ambiente a ser mantido nas instituições espíritas dedicadas à assistência social e espiritual na sementeira do Evangelho.

O respeito e o carinho para com os companheiros e para com os frequen-

tadores da casa espírita à qual levamos o nosso concurso desinteressado, é atitude construtiva no amparo a todos, acumulando energias renovadoras e curativas.

Coibir-se cada qual de atitudes exacerbadas nas manifestações do coração, primando sempre pelo equilíbrio, simplicidade e anonimato nas realizações, esse é o dever de todos.

Desnecessário é alardear o que fazemos, pois as Entidades Amigas ao nosso lado tudo podem perceber e avaliar sem dificuldades.

A previsão e a programação, com antecedência, das funções e responsabilidades de cada colaborador, numa participação conjunta de ideias, são condições fraternas e diligentes das atividades que sempre se multiplicam na seara do Cristo.

A pontualidade e a disciplina nos trabalhos, além do aprendizado individual dos participantes nas tarefas idealistas, são condições de obediência e respeito às regras estabelecidas com a inspiração sempre presente dos Companheiros Espirituais, que estão a postos, nos horários estabelecidos. **Ordem e disciplina aumentam o rendimento do que se produz para o Mestre, estimulando e valorizando os seus servidores.**

1.4 Líderes Espíritas

“Quem quiser ser o maior entre vós, seja o servo de todos” — Jesus.

Refletem-se igualmente no meio religioso espírita, as disputas pelas lideranças de grupos, tão peculiares no passado, quando o domínio das consciências humanas preocupava os poderes estabelecidos em cada época.

Já entre os primeiros discípulos, das perguntas feitas ao Mestre, uma é bem característica: “...quem entre nós será o maior?”

Ao que Jesus respondeu: “Quem quiser ser o maior entre vós, seja o servo de todos”. Aí está o comportamento a ser adotado por todos os cristãos que, naturalmente, se evidenciam como líderes entre os demais companheiros.

O líder autêntico é certamente aquele que sabe habilmente conduzir os grupos de homens numa direção projetadas sem que a sua opinião

seja prevalecida, mas despertando no grupo o desejo e a participação de todos no objetivo maior: servir a Jesus.

A palavra influente e bem articulada nas assembleias de criaturas que recebem os primeiros chamamentos à causa do Mestre, pode magnetizar e impressionar as massas, no entanto, os discursos singelos, de ensinamentos vividos no amor e no trabalho permanente das transformações morais, transmitem o exemplo e as forças impulsionadoras no objetivo primordial de cada homem: a transformação de si mesmo.

O respeito às ideias e opiniões dos companheiros de crença, nas atividades exercidas em conjunto, sem as pressões individuais, calcadas no convencimento de que sejamos os únicos detentores das verdades espirituais ou os exclusivos porta-vozes dos Instrutores do Além, é comportamento que deve convidar à análise os líderes nos meios espíritas de nossos dias que ainda tentam subordinar a outrem a aceitação dos pontos de vista pessoais.

A Doutrina dos Espíritos é obra que vem sendo edificada nos corações dos homens a exemplo da planta que cresce entre os abrolhos e o mato deteriorante e que, no decurso da sua evolução, se eleva, sombreia e acolhe tudo o que, no tempo, se perdeu em baixo, espalhando então, aos homens, os frutos do seu valor. No entanto, não são aconselháveis as posições radicais de companheiros que, na defesa dos postulados kardecistas, até mesmo esquecem da tolerância religiosa para com o próximo, e provocam desuniões na família espírita. Carecemos ainda, no nosso convívio religioso, de estabelecer com amor e compreensão, os diálogos fraternos, a aferição dos rumos doutrinários em favor da massa obscura que necessita, principalmente, de caridade, entendimento e orientação para Cristo.

Lembremos as palavras do nosso Sublime Mestre que, em preparando os discípulos para a continuação da sua obra redentora, disse:

“E por muito vos amardes sereis reconhecidos como meus discípulos”.

Ainda muito distanciados nos encontramos dessa vivência evangélica exaltada por Jesus.



Emmanuel esclarece com muito acerto: **“Recordemos que o supremo orientador das equipes de serviço cristão é sempre Jesus. Dentro delas, a nossa oportunidade de algo fazer constitui só por si valioso prêmio.”**

É ainda o amor a forma que reúne as únicas condições de harmonização das criaturas e, em particular, com prioridade, a família espírita.

1.5 Fanatismo Religioso

É muito comum e compreensível a euforia que, de momento, os iniciantes na Doutrina dos Espíritos sentem e daí passam a viver os primeiros impulsos de transformação rápida no seu comportamento, fruto do amadurecimento repentino. O entusiasmo exagerado inibe a ponderação e o raciocínio nas atitudes e no falar. Achamos, nessa fase, que já nos melhoramos da noite para o dia e, invigilantes, nos consideramos verdadeiros discípulos, embora os nossos atos sejam contrários à razão, ao bom-senso.

O fanatismo religioso caracteriza-se pela aceitação cega, resultante da imaturidade interior, do pouco conhecimento doutrinário e, desse modo, torna-se perigoso ao neófito e ao próprio Espiritismo. Muitos aceitam, sem a devida análise, as comunicações trazidas por médiuns, em muitos casos desequilibrados, que transmitem conselhos absurdos de entidades mistificadoras. A evolução é sempre lenta e sempre conquistada no trabalho íntimo, no estudo e na prática dos ensinamentos cristãos.

1.6 Intolerância Religiosa

Entre as manifestações do fanatismo religioso, destacamos a intolerância para com as demais religiões, esquecidos que só o amor constrói e que os laços sutis de fraternidade independem dos aspectos externos, dos formalismos e dos rituais religiosos.

Jesus pregava e distribuía a caridade a todos, sem perguntar nem separar segundo o credo religioso de cada um. A todos Ele chamava de Irmãos.

Não deixemos que a Intolerância religiosa nos envolva, criando separações entre quem quer que seja, principalmente no seio da própria família espírita. Preocupemo-nos com os frutos que possamos produzir, com o amor que possamos unir, pois: "só por muito nos amarmos seremos reconhecidos como discípulos de Jesus".

2. O CRISTÃO NO MEIO PROFANO

2.1 Introdução

Difícil é a conduta do cristão no meio religioso de que faz parte, e ainda mais árduo é o seu trabalho no meio profano, no mundo conturbado e de maus costumes em que todos vivemos.

A conduta do cristão, no entanto, não pode ser dúplice: uma para dentro da Casa Espírita onde trabalha e outra, distinta, para o mundo externo, campo da luta material. Interiormente, as transformações reais que, com o tempo, vamos conquistando, refletem-se igualmente em todos os sentidos e direções, nos meios onde convivemos. É evidente que sofremos influências pesadas no convívio mundano, mas nele damos também nossos maiores testemunhos, pois igualmente exerce o cristão sua influência na transformação social e espiritual do planeta. São principalmente esses exemplos que contribuem para essa transformação.

No meio religioso, nos abastecemos e fortalecemos a nossa vontade para a luta diária no meio profano e hostil ao qual levamos o sentido idealista-cristão que queremos viver.

Diz-nos Emmanuel: "As mãos ingratas e as bocas infelizes, os corações enrijecidos e as almas doentes que nos cercam, constituem hoje a colheita de nossa própria sementeira de ontem no terreno do destino."

2.2 No Trabalho

O desempenho de qualquer função de trabalho material que nos proporcione recursos necessários ao sustento familiar, apresenta, na vida diária, inúmeras oportunidades de comprovarmos as transformações que o Evangelho de Jesus processou em nossa alma.

No clima de competição em que vivemos, a luta por galgarmos melho-

res condições é válida; no entanto, deliberadamente, não devemos a ninguém prejudicar, recordando o respeito às iguais oportunidades do nosso próximo, aceitando a derrota, quando formos preteridos, sem nos emaranharmos nas vibrações de revolta ou de inconformação.

No trato com os nossos subalternos, mantenhamos os princípios de justiça, de compreensão humana e de profundo respeito, procurando em todas as oportunidades que formos chamados a analisar, instruir ou orientar quanto ao procedimento, visando despertar em todos o sentido mais profundo da nossa existência e os compromissos internos de retidão, honestidade, cordialidade, tolerância e amor.

A disciplina e a ordem são fundamentais em qualquer atividade. A ociosidade é nociva ao homem porque do seu trabalho depende uma parcela na composição do produto final, cujo valor é calculado pelo esforço comum despendido.

Nas ocasiões em que nos vejamos impelidos a contrariar superiores ou subalternos que venham propor interesses excusos, meditemos e analisemos com nosso Mestre Jesus e nos liguemos aos Amigos Espirituais para não resvalarmos diante dos compromissos que abraçamos.

Mesmo superocupados e com exiguidade de tempo, não encontramos justificativas para a nossa impaciência e o nosso mau humor para com aqueles que nos rodeiam para a solução dos problemas ou trabalhos que nos defrontam.

É, portanto, no trabalho material que dispndemos a maior parcela de tempo, e onde podemos medir a nossa resistência e fidelidade aos bons propósitos cristãos que desejamos manter na presente existência.

2.3 No Trânsito

Entre os obstáculos da vida moderna, o trânsito cada vez mais congestionado, à toda hora vem desafiando a nossa paciência e a nossa tolerância para com o próximo.

Comumente, justificamos os nossos atrasos aos compromissos doutrinários pelos atropelos que encontramos no trânsito, no entanto, pela seriedade com que devemos encarar os horários nas tarefas com o Cristo,

faz-se necessária maior antecipação ao nos deslocarmos para o endereço aprazado, onde efetivamos nosso concurso caridoso. Para o Mestre Amado, oferecemos sempre o melhor que possamos dar.

No trânsito, temos excelentes ocasiões para treinar a nossa vigilância, trabalhando interiormente para não nos deixarmos cair na esfera irritante em que a maioria vive. Mantenhamos sempre o nosso equilíbrio com os recursos que o Evangelho nos oferece.

2.4 Diante das Tentações

Estas são as melhores oportunidades de testarmos o nosso fortalecimento nos propósitos cristãos. É importante que estejamos vigilantes às tentações que podem surgir: no terreno dos interesses materiais, no campo das paixões, nas esferas de nossas deficiências mais recônditas.

Imprevisíveis são as ocasiões em que nos vemos tentados aos mais variados atrativos que o meio profano exerce sobre as criaturas, embora saibamos que essas tentações **só nos alcançam quando nos encontramos ao nível delas**. Os esforços conjugados nos diversos sentidos, ocupando-nos em servir aonde possamos, dentro do meio religioso, colocam-nos fora dos interesses costumeiros e, portanto, distanciados do domínio daquelas influências.

2.5 Diante das Contendas

Surgem sempre as ocasiões em que as discussões inflamadas, abrangendo principalmente as convicções religiosas, possam nos envolver no meio profano. Na maioria das vezes, em defesa dos nossos princípios religiosos, assumimos posições pouco fraternas, até mesmo ofensivas. Perguntamos, então: é lícito nos digladiarmos com palavras e vibrações em nome do Cristo? Até que ponto nossa palavra veemente e de alto volume realmente influenciará aqueles com quem entramos em contendas? A palavra serena, dentro das considerações amoráveis, emitindo muito mais compreensão e tolerância do que rancor e exacerbação, certamente penetrará mais profundamente, levando o esclarecimento aos níveis sutis da consciência, a exemplo da semente que, lançada ao solo, aguarda as

condições extrínsecas para a sua germinação a época oportuna.

Disse-nos o Divino Mestre: "Não lanceis pérolas aos porcos". O que se aplica bem a essas ocasiões.

O nosso conhecimento de causa e a nossa segurança interior naquilo que aceitamos não apenas em termos de cultura, mas que vivemos no íntimo, reflete-se do coração em ondas magnéticas que se fazem sentir pelos que nos cercam, sem haver mesmo a necessidade do muito falar para convencer.

Devemos evitar as discussões calorosas, não desperdiçando, no entanto, as oportunidades de colaborar esclarecendo, quando possível, sem esquecer que na administração dos bens do Senhor, as atitudes severas muitas vezes substituem as boas palavras.

2.6 Nas Oportunidades de Servir

Fiquemos atentos às oportunidades em que possamos singelamente servir com Jesus. Essa preocupação reflete exatamente a exteriorização do nosso coração, dos bens que, pulsando dentro de nós, pelo amor que devotamos ao nosso Divino Pastor, começa a irradiar de dentro para fora, na direção dos nossos semelhantes.

As ocasiões, na vida comum, em que possamos exercitar a nossa capacidade de servir, são realmente inumeráveis. O servir pode manifestar-se desde um olhar compreensivo àquele que passa por uma aflição, à palavra de ânimo no momento exato, no gesto afável de sustentação para o caído no desfalecimento moral, ou no amparo material aos que sofrem privações.

O serviço cristão como anônimo impulso de amor, leva ao necessi-

tado o fortalecimento na fé perdida, renova-lhe as forças para a retomada da caminhada momentaneamente interrompida.

São os cirineus que, testemunhando a misericórdia do Pai, transmitem a certeza da sua bondade, no amparo dos Seus Filhos.

Ao que serve, registram-se espiritualmente os créditos necessários no balanceamento das dívidas acumuladas. São oportunidades de resgate, de atenuação das penas, de proporções ignoradas.

Redobremos a nossa vigilância também nas oportunidades de dar de nós mesmos em favor dos que nos interceptam a caminhada, estendendo as mãos. E ao servirmos, glorifiquemos sempre Àquele que tudo tem feito por nós, relembando a legenda da iniciação evangélica "Servir a Jesus, servindo ao próximo".

58.

OS RECURSOS DO CRISTÃO

1. INTRODUÇÃO

A Escola de Aprendizes do Evangelho, em seu programa basilar, nas diversas etapas de formação, resume um processo de preparação de verdadeiros cristãos, nos dias de hoje. É sem dúvida, uma retomada da atmosfera em que viviam os seguidores do Meigo Rabi de Nazaré, nos primeiros tempos.

Naturalmente que as circunstâncias, os costumes, as pressões externas do jugo romano e da organização sacerdotal judaica naquela época, são completamente distintas das que hoje vivemos, tanto na sua amplitude como na intensidade em que se apresentavam.

No entanto, interiormente, as vivências do Espírito, nas suas transformações crescentes, as lutas que

dentro de nós mesmos se exercem, nessa disposição idealista de identificarmos-nos com o Evangelho de Jesus, os sentimentos manifestados em nós, esses são os mesmos de todos, que por eles passam na caminhada evolutiva.

No início as dificuldades são grandes, porque preponderam em nós os hábitos mundanos, o envolvimento das atrações do meio, e hoje são elas muito maiores das que há dois mil anos existiam entre o povo hebreu.

Os padrões sociais eram muito mais rígidos, a conduta religiosa prescrevia obrigações severas, bem mais difíceis de seguir do que as de hoje nas religiões formais. A liberdade de costumes na vida moderna atual e ampla e difundida no mundo inteiro exercendo, portanto, uma enorme

facilidade ao homem de entregar-se às atrações dos seus impulsos inferiores que, na contingência de encarnados, naturalmente sobre todos se exercem.

É hoje, a nosso ver, mais difícil a batalha íntima. À medida, porém, que a consciência profunda é desenvolvida em nós, pela perseverança no combate que vimos realizando com o apoio desta Escola de Aprendizes do Evangelho, lentamente vamos nos fortalecendo e percebendo que as influências do meio, nas mais variadas formas de tentações, vão perdendo terreno e assim já não nos envolvem como antes. A nossa consciência se capacita e nosso domínio se amplia, até chegarmos ao ponto de tornarmos-nos senhores de todos os nossos impulsos, mantendo-os sob nosso controle.

